

CONTRACEPÇÃO PÓS-COITAL DE EMERGÊNCIA: DE QUE FORMA ESTÁ SENDO UTILIZADA PELAS ESTUDANTES DE ENFERMAGEM.

Elaine Alves Santos¹
Jorge França, Josely Bruce e Marcileide Alves²
Astria Ferrão³
Isis Ferreira⁴

RESUMO: ***Introdução:** Há alguns séculos já se sabia que a humanidade utilizou com maior ou menor sucesso todo tipo de rituais, magias, inclusive manobras com o fim de evitar a gravidez não desejada. Segundo o Ministério da Saúde (1999), a contracepção de emergência é uma forma de contracepção que pode ser usada pelas mulheres após uma relação sexual desprotegida. **Objetivo:** Avaliar como vem sendo utilizado o método de contracepção pós-coital de emergência em mulheres em idade fértil, do curso de Enfermagem, no campus da Faculdade de Tecnologia e Ciências, FTC – Salvador, Bahia, Brasil. **Método:** Realização de pesquisa bibliográfica e experimental, sobre o tema em questão. O interesse desta pesquisa está voltada para o estudo de mulheres que utilizam o método de contracepção pós-coital de emergência. Para isso, foram utilizados questionários simples e padronizados, contendo apenas a idade da entrevistada, seu conhecimento sobre o método e se já utilizou, e qual o motivo, para posterior obtenção de informações para o estudo. **Resultados:** Para análise quantitativa dos resultados tem-se que do total de 52 mulheres entrevistadas com idade entre 18 e 38 anos, apresentando uma média de 23 anos ($m = 23$), moda de 23, 29 (vinte e nove) não fizeram uso da pílula de emergência pós-coital, enquanto que, das 23 restantes, 1 (uma) utilizou devido a falha no coito interrompido; 3 (três) por ruptura de codon; 9 (nove) por esquecimento da pílula diária de contracepção e 10 (dez) por relação sexual desprotegida. **Conclusão:** O uso exacerbado da pílula de emergência pós-coital está se tornando uma rotina freqüente dentre essa faixa etária, aumentando a incidência de gravidez indesejada, bem como a exposição às diversas doenças sexualmente transmissíveis.*

Palavras-chave: Mulher; Contracepção; Pílula.

1. INTRODUÇÃO

Há alguns séculos já se sabia que a humanidade utilizou com maior ou menor sucesso todo tipo de rituais, magias, inclusive manobras com o fim de evitar a gravidez não desejada.

A contracepção faz parte da história do homem e refere-se, especialmente, à prevenção temporária da gravidez, o que dá origem a terminologia utilizada em relação aos métodos anticoncepcionais e seu uso.

A contracepção pós-coital científica é realmente recente, começou a ser utilizada nos anos 60 do século 20, e desde então foi aplicada em muitas mulheres dos países do nosso entorno. Progressivamente e à medida que avançam os conhecimentos científicos, os estudos realizados demonstram a eficácia do método (PAIVA, 1998, p. 23-28).

O uso de grandes doses de estrogênio, visando evitar a implantação, teve como pioneiro Morris e Van Wagnen em Yale, na década de 60. O trabalho inicial em macacas levou ao uso de doses elevadas de dretelstilbestrol (25 -50 mg/dia) e etinil estradiol em mulheres. Foi rapidamente percebido que estas doses extremamente grandes de estrogênio estavam associadas a uma elevada percentagem de efeitos colaterais gastrintestinais. Yuzpe desenvolveu um método, utilizando um anticoncepcional oral combinado, resultando numa importante redução da

¹ Egressa da Universidade Católica do Salvador do curso de Ciências Biológicas.

² Acadêmicos do curso de Enfermagem da Faculdade de Tecnologia e Ciências.

³ Orientadora: Pesquisadora da Fundação Osvaldo Cruz.

⁴ Co-orientador

dosagem (SPEROF & DARNEY, 1996, p.92)

No Brasil, a CE foi aprovada e passou a constar das Normas de Planejamento Familiar desde 1996. Regulamentada pelo Ministério da Saúde, a CE é administrada sobretudo em mulheres violadas sexualmente, como mecanismo para evitar uma gravidez indesejada e, conseqüentemente, o sofrimento de recorrer a um aborto. Trata-se, pois, de um importante recurso, não só para mulheres vítimas de violência, mas também para mulheres e homens que queiram evitar uma gravidez não planejada (em caso de falha do método contraceptivo utilizado, relação desprotegida ou falta de acesso a métodos contraceptivos) (NORMA TÉCNICA DE PLANEJAMENTO FAMILIAR PARA USO E ADMINISTRAÇÃO DA CONTRACEPÇÃO DE EMERGÊNCIA - MINISTÉRIO DA SAÚDE, 1996).

Segundo o Ministério da Saúde (1999), a contracepção de emergência é uma forma de contracepção que pode ser usada pelas mulheres após uma relação sexual desprotegida. Qualquer mulher em risco de gravidez pode precisar desse recurso, frente ao uso incorreto desse método contraceptivo (por exemplo: esquecimento da tomada da pílula ou de colocar o diafragma), à falha do método (como comprometimento do condon ou expulsão do DIU) e/ou no caso de uma relação sexual imprevista ou violenta (MINISTÉRIO DA SAÚDE-NORMA TÉCNICA. 1, 1999, p. 35-37).

A situação de prevenção e tratamento dos agravos da violência sexual contra a mulher foi apontada como a mais freqüente em termos de orientação para uso da CE. Porém, a orientação de uso após relação sexual desprotegida também foi citada, e, em seguida, a orientação para a situação de falha do método contraceptivo. Portanto, apesar de ser mais freqüente a adoção da Norma Técnica Federal – orientação para uso de CE em casos de violência, a contracepção de emergência tem sido aplicada, de forma expressiva, em outras situações (NORMA TÉCNICA. PREVENÇÃO E TRATAMENTO DOS AGRAVOS RESULTANTES DA VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA MULHERES E ADOLESCENTES (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 1999; REVISADA EM 2002)).

Muito se discute ainda sobre seu uso, a OMS e a maioria da comunidade científica consideram o início da gravidez, não o momento da fecundação, mas quando ocorre a implantação do óvulo fecundado na cavidade endometrial do útero, o que ocorre 7 dias mais tarde (PAIVA, 1998, p. 23-28).

Os estudos mostram que a CE é um método eficaz e seguro para as mulheres, desde que utilizado adequadamente, ainda que possam ser apresentados efeitos colaterais como náuseas, enjôo, dor de cabeça e vômitos (OLIVEIRA, 2003, p. 32)

O risco da gravidez por cada relação sexual desprotegida varia de 0 a 30%, a depender do dia do ciclo. A eficácia da contracepção de emergência diminui em média 75% do risco calculado, ou seja, ela apresenta uma taxa de falha de 2% (RODRIGUES, 1995, p. 163).

Sobre o ponto de vista demográfico, no Brasil, quase 10 milhões de mulheres estão expostas anualmente à gravidez indesejada, seja pelo uso inadequado dos métodos anticoncepcionais ou por falha do seu adequado conhecimento (FORMIGA, 2000, p. 217).

A forma que o indivíduo vivencia esse processo é fortemente influenciado por seu conhecimento, sobre a prática sexual, gravidez e risco de engravidar, que também é influenciado pelo conhecimento sobre os métodos anticoncepcionais (Cássia & Sônia, 1996, p. 53-74).

Dessa forma, faz-se necessário o estudo da contracepção pós-coital de emergência devido à falta de instrução e consciência em relação ao uso adequado desse método.

Este artigo tem como objetivo avaliar como vem sendo utilizado o método de contracepção pós-coital de emergência em mulheres em idade fértil, do curso de Enfermagem no *campus* da Faculdade de Tecnologia e Ciências, FTC – SSA.

2. METODOLOGIA

Realização de pesquisa bibliográfica e experimental, sobre o tema em questão. O interesse desta pesquisa está voltada para o estudo de mulheres que utilizam o método de

contracepção pós-coital de emergência. Para isso, foram utilizados questionários simples e padronizados, contendo apenas a idade da entrevistada, seu conhecimento sobre o método e se já utilizou e qual o motivo. Para posterior obtenção de informações para o estudo.

3. RESULTADOS

Para análise quantitativa dos resultados tem-se que do total de 52 mulheres entrevistadas com idade entre 18 e 38 anos, apresentando uma média de 23 anos ($m = 23$), moda de 23, 29 (vinte e nove) não fizeram uso da pílula de emergência pós-coital, enquanto que das 23 restantes: 1 (uma) utilizou devido à falha no coito interrompido; 3 (três) por ruptura de codon; 9 (nove) por esquecimento da pílula diária de contracepção e 10 (dez) por relação sexual desprotegida.

4. DISCUSSÃO

Denominada por alguns como a “pílula do dia seguinte”, a CE é um medicamento contraceptivo cercado de controvérsias, sobretudo entre os mais conservadores, que a associam a um método abortivo. Na verdade, a CE não interrompe uma gravidez já instalada; trata-se de um recurso medicamentoso que deve ser administrado, no máximo, até 72 horas após a relação sexual, visando inibir ou retardar a ovulação. A CE é composta de doses concentradas de hormônios sintéticos – etinil-estradiol e levonorgestrel –, os mesmos usados em pílulas anticoncepcionais orais comuns.

A Medicina e a Enfermagem devem ter domínio das informações sobre a CE. Todos os profissionais de saúde deveriam ser orientados quanto à CE, pois cabe a eles o papel de orientar e dar as devidas informações sobre o uso correto do método e alertar porque o método não deve ser usado como contracepção de rotina. Usado regularmente ou com repetição pode desregular o ciclo menstrual e facilitar uma gravidez. Quando tomado regularmente, tende a falhar mais que os outros contraceptivos de uso regular.

Segundo alguns estudos, a situação de prevenção e tratamento dos agravos da violência sexual contra a mulher foi apontada como a mais freqüente em termos de orientação para uso da CE. Porém, a orientação de uso após relação sexual desprotegida também foi citada, e, em seguida, a orientação para a situação de falha do método contraceptivo. Portanto, apesar de ser mais freqüente a adoção da Norma Técnica Federal – orientação para uso de CE em casos de violência, a contracepção de emergência tem sido aplicada, de forma expressiva, em outras situações (BONCIANI, 2003, p. 57).

Fala-se de irresponsabilidade dos comportamentos sexuais, pois observa-se no presente estudo o índice altíssimo de mulheres que usam a CE, por relação sexual desprotegida, o que demonstra que o método está sendo usado de forma banal.

Diante disso impõe-se a necessidade de uma boa estratégia de divulgação, com o objetivo de evitar o uso recorrente de CE, no sentido de alertar para a perda da eficácia do medicamento.

4. CONCLUSÃO

Com base na análise dos dados, verificou-se que as mulheres que mais utilizaram a pílula de emergência pós-coital apresentam idade de 23 anos e que a escolha por esse método está relacionada com a relação sexual desprotegida, configurando uma susceptibilidade às doenças sexualmente transmissíveis e uso indiscriminado da pílula.

Conclui-se, assim, que o uso exacerbado da pílula de emergência pós-coital está se tornando uma rotina freqüente dentre essa faixa etária, aumentando a incidência de gravidez indesejada, bem como a exposição às diversas doenças sexualmente transmissíveis.

5. REFERÊNCIAS

Sônia, MMA, Paiva S. Adolescência: informação sobre anticoncepcionais. *Rev. Gaúcha de Enfermagem*. 1998. Jan. (1); 23-8.

SPEROFF. L; DARNEY. D. P. Contracepção: clínica e cirúrgica. Editora Revinter. Rio de Janeiro. 1996. pg.92

Norma Técnica de Planejamento Familiar para Uso e Administração da Contracepção de Emergência (Ministério da Saúde, 1996)

Ministério da Saúde. Prevenção e Tratamento dos Agravos Resultantes da Violência contra Mulheres e Adolescentes. Norma Técnica. 1 ed. Brasília. Min. da Saúde, 1999.

Norma Técnica Prevenção e Tratamento dos Agravos Resultantes da Violência Sexual contra Mulheres e Adolescentes (Ministério da Saúde, 1999; revisada em 2002)

OLIVEIRA. F. – Secretaria Executiva da Rede Feminista de Saúde, Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos. In: I Seminário Nacional “Situação Atual da Contracepção Hormonal de Emergência no Brasil”. São Paulo. 2003, p. 32

Rodrigues de Lima g. Ginecologia de Consultório. EPM. São Paulo, 1995. p. 163.

Formiga Filho JFN, Anticoncepção de Emergência. In: Andrade RP. Poli, M. Petraco A, Marcos KN, Camargos AF. Contracepção – Promoção de Saúde Sexual e Reprodutiva. Rio de Janeiro. Revintes 2000, p. 217.

Cássia BR, Sônia SM. Como as Mulheres Relatam a Participação Masculina na Concepção. *Rev. Baiana de Enfermagem*. 1996 Abril 9 (1): 53-74.

BONCIANI. F. R. D. Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde In: I Seminário Nacional “Situação Atual da Contracepção Hormonal de Emergência no Brasil”. São Paulo. 2003, p. 57.

APÊNDICE

CONTRACEPÇÃO PÓS-COITAL DE EMERGÊNCIA

IDADE _____

1 Já fez uso da pílula CONTRACEPÇÃO PÓS-COITAL DE EMERGÊNCIA?

() SIM () NÃO () DESCONHECE

2 Motivo:

- ☞ Ruptura do CODOM ()
- ☞ Relação desprotegida ()
- ☞ Esquecimento da pílula diária ()
- ☞ Falha no método do coito interrompido ()